



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS I – CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**MONIQUE HÉLEN DA SILVA SANTOS**

**O SÉCULO XXI E AS NOVAS DEMANDAS À CLÍNICA PSICANALÍTICA ATUAL**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2019**

MONIQUE HÉLEN DA SILVA SANTOS

**O SÉCULO XXI E AS NOVAS DEMANDAS À CLÍNICA PSICANALÍTICA ATUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

**Orientadora:** Prof. Dr. Jailma Belarmino Souto

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237s Santos, Monique Hellen da Silva.  
O século XXI e as novas demandas à clínica psicanalítica atual [manuscrito] / Monique Hellen da Silva Santos. - 2019.  
22 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto, Departamento de Psicologia - CCBS."  
1. Modernidade Líquida. 2. Psicanálise. 3. Sujeito. I. Título  
21. ed. CDD 150.195

MONIQUE HÉLEN DA SILVA SANTOS

O SÉCULO XXI E AS NOVAS DEMANDAS À CLÍNICA PSICANALÍTICA ATUAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

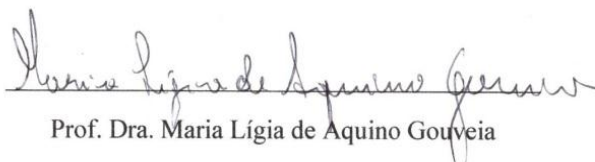
Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**



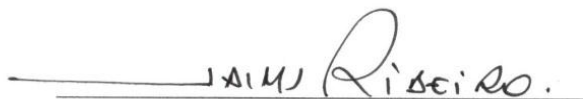
Prof. Dra. Jailma Belarmino Souto (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Jaims Ribeiro Soares

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

À minha avó, pelos ensinamentos, dedicação e apoio sem os quais esse trabalho não seria possível, DEDICO

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>07</b>
<b>2</b>	<b>CONTEMPORANEIDADE</b> .....	<b>08</b>
<b>2.1</b>	<b>Transformações da sociedade atual</b> .....	<b>08</b>
<b>2.2</b>	<b>Modernidade Líquida</b> .....	<b>09</b>
<b>2.3</b>	<b>Modelo virtual de ser</b> .....	<b>11</b>
<b>2.4</b>	<b>Pulsões</b> .....	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>QUEDA DO NOME-DO-PAI</b> .....	<b>14</b>
<b>3.1</b>	<b>Primeira clínica norteadada pelo nome do pai</b> .....	<b>14</b>
<b>3.2</b>	<b>Queda do falocentrismo e segunda Clínica</b> .....	<b>16</b>
<b>3.3</b>	<b>Falta de norte no sujeito contemporâneo</b> .....	<b>17</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>19</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>20</b>

# O SÉCULO XXI E AS NOVAS DEMANDAS À CLÍNICA PSICANALÍTICA ATUAL

Monique Hélen da Silva Santos<sup>1</sup>

## RESUMO

A modernidade enquanto construção social reformula as relações entre os indivíduos alterando, dessa forma, a organização da sociedade. Consequentemente o sujeito inscrito na contemporaneidade reflete em suas nuances a liquidez da modernidade teorizada por Bauman (2000). Através da presente revisão bibliográfica foi possível elencar considerações sobre os marcos de transformações na sociedade atual, bem como apontar as consequências desse novo modelo social nas relações dos sujeitos nela inseridos. As transformações sociais, marcadas em cada recorte conjuntural histórico, afetam e modificam o humano numa dialética constante entre modificar e ser modificado pelo contexto ao qual está inserido. Com a globalização, novas tecnologias foram inseridas no contexto individual de cada sujeito, resultando na criação do modelo virtual de ser. Através do diálogo entre a teoria desenvolvida inicialmente por Sigmund Freud e a releitura de Jacques Lacan sobre essa teoria, leia-se a primeira e segunda clínica lacaniana, foi possível trabalhar questões pertinentes a compreensão dessas novas formatações sociais, bem como dos sintomas oriundos dela. Assumindo que o homem do século XXI difere em muitos pontos daquele que Freud trouxe a luz ao criar a psicanálise, faz-se necessário refletir acerca do fazer clínico da psicanálise atual. É sob essa ótica que este trabalho aponta algumas colocações acerca da psicanálise enquanto clínica e também o fato de que aquele que se propõe a comprometer-se com a ética psicanalítica, deverá buscar constante atualização acerca das angústias contemporâneas.

**PALAVRAS – CHAVE:** Modernidade líquida. Psicanálise. Sujeito.

## ABSTRACT

Modernity as a social construction reformulates relations between individuals, thus altering, the organization, of society. Consequently, the subject inscribed in contemporary times reflects in his nuances the liquidity of modernity theorized by Bauman (2000). Through the present bibliographical revision it was possible to list considerations about the transformational frameworks in the present society, as well as to point out the consequences of this new social model in the relations of the subjects inserted in it. The social transformations, marked in each historical conjunctural cut, affect and modify the human in a constant dialectic between modifying and being modified by the context to which it is inserted. Along with globalization, new technologies were inserted into the individual context of each subject, resulting in the creation of the virtual model of being. Through the dialogue between the theory initially developed by Sigmund Freud and Jacques Lacan's re-reading of this theory, known as the first and second Lacanian clinics were read, it was possible to work on pertinent questions to the understanding of these new social formations, as well as the symptoms that came from it. Assuming that the man of the twenty-first century differs in many aspects from that one that Freud brought to light in created psychoanalysis, it is necessary to reflect about the clinical practice of current psychoanalysis. It is from this point of view that this work points out some statements about psychoanalysis as a clinic and also the fact that those who propose to commit themselves to psychoanalytic ethics should search constant updates about contemporary anxieties.

**KEY WORDS:** Net Modernity. Psychoanalysis. Subject.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia pela UEPB. Email: monique-hellen.ss@hotmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

A psicanálise enquanto prática clínica no século XXI demanda daquele que por ela se interessar reflexão acerca dos novos arranjos sociais do sujeito contemporâneo. Percebendo o caráter mutatório da sociedade e pontuando a influência mútua entre ela e o indivíduo que dela advém, é possível inferir que o homem sobre o qual Freud teorizou em seus escritos já difere em inúmeros pontos daquele sobre o qual a psicanálise teoriza atualmente. Vive-se a Era que Bauman (2000) denominou de modernidade líquida que teve seu início marcado pelo advento da globalização. Anteriormente a sociedade era caracterizada pela solidez e constância, tanto nas relações interpessoais, quanto nas possibilidades futura de cada sujeito. Em contrapartida, atualmente o sujeito se vê diante de situações e questionamentos que antes não faziam parte de seu cotidiano e agora atravessam seu modo de ser e estar no mundo.

O uso da tecnologia faz parte da vida da maioria dos indivíduos modernos, especialmente no que se refere às redes sociais. O ver e o ser visto apresentam-se como elementos fundamentais nas interações sociais. O limite entre o público e o privado adquire novas singularidades a partir do estabelecimento do modelo virtual de ser. Nessa perspectiva o sujeito tende a vangloriar-se daquilo que pode mostrar, ocupando-se sempre em exprimir de si aquilo de mais socialmente aceito. As novas tecnologias oferecem subsídio a isso, incluindo uma infinidade de redes sociais que nessa nova Era estão incorporadas ao dia a dia dos indivíduos, assumindo lugar de grande importância em suas rotinas.

Quinet (2012) ao apontar o quadro da fantasia como a abertura pela qual o sujeito vê o mundo, abre espaço para que se possa pensar as redes sociais enquanto elemento que serve a atualizar as fantasias do sujeito. Nessa perspectiva, observando-se a multiplicidade do conteúdo exposto é possível perceber que o sujeito se vê diante de uma infinidade de possibilidades que interferem diretamente na sua maneira de se perceber e de querer se mostrar. A multiplicidade de possibilidades atravessa o sujeito em todas as suas nuances.

Trazendo a luz diálogos entre a primeira e a segunda clínica lacaniana é possível apontar diferenças na sociedade e suas consequências às demandas a clínica psicanalítica. Na primeira, a sociedade era marcada pelo modelo de pai orientação, onde todas as relações estavam atravessadas pelo significante da lei paterna enquanto organizadora social. Na segunda, denominada de clínica do real, os arranjos modificam-se. As relações que antes eram verticalizadas, hoje se encontram cada vez mais horizontalizadas. Não é mais possível falar em Nome do pai como significante único. Ocorre a pluralidade de nomes do pai instaurando assim a falta de norte que se caracteriza como sintoma generalizado do sujeito atual. É nessa perspectiva que Forbes (2012, p.18) aponta que “é preciso considerar a singularidade da



solução que um sujeito inventa, por meio de seu sintoma, para dar conta de tudo aquilo que se apresenta para além do pai.”

Falar a respeito do sujeito demanda de quem o faz a leitura de que o homem é um ser mutável, bem como influencia e é influenciado pela sociedade a qual pertence. Nesse sentido, faz-se necessário entender o sujeito vinculado ao seu tempo histórico e social, na dialética de transformar e ser transformado pelo contexto ao qual está inserido. É nessa perspectiva que este estudo através de revisão bibliográfica se propôs a tecer considerações articuladas a contextualização histórica das transformações sociais, dialogando com as demandas clínicas feitas a psicanálise, uma vez que tais transformações afetam o modo de ser e estar no mundo do sujeito contemporâneo. A psicanálise desde sua origem sempre esteve atenta as questões de sua época. E foi pela demanda clínica que surgiu e evoluiu atualizando-se sempre frente as novas demandas. Nesse sentido, adotamos a releitura feita por Lacan e a contribuição de outros pós freudianos que trabalham na mesma vertente.

## **2. CONTEMPORANEIDADE**

### **2.1 Transformações da sociedade atual**

Tomando como base as metamorfoses pelas quais a sociedade vem passando ao longo de sua história e de acordo com a literatura referente ao tema, pode-se eleger determinados pontos de ruptura que a transformaram enquanto organização social até resultar na que se conhece atualmente. A fim de organizar historicamente essas mudanças, utiliza-se a divisão feita pelos historiadores. Esta se refere a divisão da sociedade em Eras históricas, quais sejam: Pré história, Idade antiga, Idade média, Idade moderna e finalmente a que se refere aos dias atuais, Idade Contemporânea (Forbes 2012).

Contextualizando historicamente a sociedade contemporânea, utilizamos a divisão do escritor Toffler (2007), que sugere a partir de seus estudos que a sociedade atual está passando por diversas mudanças em toda a sua estrutura e que, buscando ao longo da história, isso ocorreu apenas duas outras vezes. Com essa afirmação o autor divide as mudanças ocorridas na sociedade, especialmente quanto a forma de obtenção de riquezas, em três grandes ondas. A primeira onda: a passagem da sociedade nômade para a agrícola, a segunda onda tendo como ponto de mudança a passagem da agricultura como prática predominante para a industrialização, e finalmente a terceira, na qual nos deteremos a partir daqui, denominada como Era da informação.

Durante considerável período, o sistema social vigente foi o denominado por Tofler (2007) de segunda onda, no qual a principal forma de obtenção de riquezas estava na

produção industrial. Quanto mais um país produzisse mais rico se tornava. Nesse contexto, esperava-se do ser humano submissão a ordem vigente. Quanto menos questionasse mais o seu trabalho seria valorizado. No entanto, com as formatações atuais e a valorização da individualidade dentro da sociedade, isso começa a modificar-se. A contemporaneidade atravessa um novo cenário e nesse contexto o que importa é o conhecimento e a informação, que até então eram suprimidos; passando a ser valorizados e estimulados geram como consequência a supremacia dos meios de comunicação e com isso a valorização de pessoal adaptado para usufruir e dominar esses meios. Na atualidade, as sociedades, empresas ou organizações provam seu valor através do conhecimento que dominam e principalmente através da agilidade com a qual esse conhecimento e as informações são propagadas em seu meio. Velocidade é a palavra de ordem dessa sociedade emergente. Quanto mais rápido uma informação se desloca dentro de uma empresa mais capital é investido nela.

É em meio a essas mudanças que atravessam o âmbito econômico e adentram nas relações da sociedade, gerando assim novos contextos sociais, que o homem do século XXI se desenvolve. Essa nova conjuntura, ao gerar mudanças no modo de ser e estar do sujeito nessas relações, produz sofrimentos, convocando a psicanálise a responder de modo diferente de quando Freud criou a teoria. Sendo, portanto, convocada a repensar sua prática e evoluir na construção teórica frente as demandas do sofrimento contemporâneo.

## **2.2 Modernidade Líquida**

Autores escrevendo sobre a velocidade das transformações sociais, inferem que passamos da sociedade moderna para o que se denominou de sociedade pós-moderna. Ao longo de sua trajetória de escrita, Zygmunt Bauman dedicou-se a falar a respeito dessas transformações sociais. Por determinado período adotou também o termo sociedade pós-moderna para indicar a configuração atual da sociedade. Período em que escreveu *Ética Pós-Moderna* (1997) e *Mal-estar da Pós- Modernidade* (1998). Com a publicação do livro *Modernidade Líquida* (2000), ele reformula seu pensamento e tece duras críticas ao referido termo. Em uma palestra com o tema *Liquid Modernity revisited*<sup>2</sup> (2010), afirma que é um equívoco dizer que essa sociedade é pós-moderna. Há na verdade uma confusão entre sua modificação e seu fim, visto que a sociedade não saiu da modernidade e o termo pós-modernidade apenas se ocupa em definir o que o humano deixou de ser enquanto sociedade e não em conceituar o que o sujeito é atualmente.

---

<sup>2</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=4QVSisK440w&t=1517s>

Após a virada do século XX, Bauman (2000) passa a defender que a sociedade atual ainda não saiu da modernidade, não passou dela, como sugere o termo anteriormente citado, mas sim modificou-se. A fim de melhor conceituar suas conclusões, Bauman (2000) utilizou-se do termo Modernidade sólida para definir o período anterior ao que a sociedade vive atualmente, conceituando-o como um período onde a principal característica é a constância. As coisas, pessoas, tempo, instituições e relações eram estáveis, duradouras, sólidas. Pode-se dizer que os sujeitos nascidos no contexto das sociedades anteriores, já sabiam de antemão o curso de suas vidas, tendo poucas previsões de modificações

A realidade atual, constrói-se de outro modo. As certezas não são tão bem elaboradas como anteriormente. O modo de ser que antes era estável e durável passa a ser marcado pela instabilidade. Trata-se da Era da informação, da rapidez e da fluidez em todos os aspectos. É a essa sociedade que Bauman (2000) denomina de modernidade líquida. Esse termo chave em sua teoria, inaugura uma nova forma de pensar e conceituar a atualidade. Em sua obra *Modernidade Líquida* (2000), Bauman tece formulações acerca dessas mudanças em seus diferentes contextos e o quanto isso influencia no homem nativo dessa nova sociedade. Os parâmetros anteriormente usados para definir o homem da sociedade sólida caem por terra revelando um novo, que tem agora uma realidade diferente e questões bem mais complexas com as quais lidar. O indivíduo que antes sofria com a escassez de possibilidades e de caminhos a tomar nos mais diversos pontos de sua vida, se vê agora diante de uma infinidade de alternativas fazendo com que a angústia passe a advir fomentada da multiplicidade de escolhas. De acordo com Bauman (2000, p. 82):

O mundo cheio de possibilidades é como uma mesa de bufê com tantos pratos deliciosos que nem o mais delicado comensal poderia esperar provar de todos. Os comensais são consumidores, e a mais custosa e irritante das tarefas que se pode pôr diante de um consumidor é a necessidade de estabelecer prioridades: a necessidade de dispensar algumas opções inexploradas e abandoná-las. A infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de escolha. “Será que utilizei os meios a minha disposição da melhor maneira possível?” é a pergunta que mais assombra e causa insônia ao consumidor.

É a Era do consumismo desenfreado, da informação e da comunicação, mas o ponto não é mais com quem se comunicar e se relacionar motivado pela qualidade, mas sim com que quantidade de pessoas e em que espaço de tempo. Há, na atual conjuntura, uma variedade de opções, de produtos, de comidas e até mesmo de pessoas e onde antes era necessária uma rede de serviços e de trabalhadores que os ofertassem; tem-se agora um dispositivo que reúne

em si tudo isso e o que importa é o quão rápido esse aparelho pode ser. Quanto mais lento for, mais obsoleto se tornará. A palavra de ordem passa a ser decidir, sabendo que ao optar por uma alternativa, as outras são deixadas de lado. Passa a ser trabalho do homem contemporâneo aprender a lidar com essas novas configurações sociais, na impossibilidade disso, constrói respostas em forma de sintomas; são os acontecimentos de corpo, muito presentes na atualidade. A psicanálise, recebe então, demandas relativas a essa nova configuração e nesse sentido, precisa construir meios de responder as nuances das demandas desse novo sujeito.

### **2.3 Modelo virtual de ser**

A sociedade atualizou-se em variados aspectos a fim de acompanhar as novas configurações sociais vigentes. O sujeito contemporâneo enquanto ser social, reflete em sua subjetividade as nuances de um modelo de ser condizente com o que essa nova sociedade exige dele. De acordo com Kallas (2016) essas transformações sociais, e conseqüentemente individuais, do homem moderno culminaram no desenvolvimento de novas tecnologias capazes de expressar o atual modelo de ser e de viver. Informação é a palavra de ordem e quanto mais rápido uma pessoa tem acesso a ela mais atual se torna o seu conhecimento. Na atualidade tudo está ao alcance de um único clique em um site de pesquisas que irá exibir centenas de resultados acerca de qualquer assunto que se desejar saber mais.

A globalização pede do novo homem conhecimento em tempo real, quanto mais rápido uma informação se propaga maior é o número de pessoas as quais ela atinge. A sociedade entrou na Era da tecnologia, o que foi influenciado tanto pelas novas formas que a sociedade adquiriu, quanto promove nela novas mudanças. Um reflexo disso é o conceito de intimidade. Onde antes havia um movimento em direção a preservar, enquanto espaço privado aquilo que era de íntimo no sujeito, hoje apresenta movimento contrário. Observamos um cenário que gira em torno do tornar público com o intuito de ser visto. Nesse sentido, as novas tecnologias vêm sendo ferramenta de essencial relevância nesse processo. Kallas (2016, pag. 2), afirma:

O conceito de intimidade, de espaço público e privado mudou. Antes, protegidos pelo entre paredes de nosso quarto, líamos, escrevíamos nossos diários, nossos poemas e os trancávamos no espaço mais protegido do olhar alheio, como uma preciosidade que só a nós pertencia. O espaço privado era bem diferenciado do espaço público. Hoje escrevemos os diários em blogs, expomos nossa intimidade no Facebook, exibimos imagens das situações mais banais no Instagram, montamos um

espetáculo de nós mesmos e buscamos o olhar do outro e sua aprovação por meio de curtidas. A intimidade tem se deixado infiltrar pelas redes.

A valorização do tornar público em detrimento do privado, reflete tanto no indivíduo quanto em suas relações. Temos, com o advento da tecnologia, uma ampliação da rede social possível a cada indivíduo, assim como maior facilidade na comunicação em tempo real com os integrantes dessa rede. O fato de “ser visto” também impera nessa configuração. Cria-se a necessidade de expectadores para assistir e validar o que é mostrado, e é esse número de expectadores que definirá a popularidade do conteúdo exposto. Por outro lado, é importante pensar o indivíduo que além de querer ser visto, é também aquele que vê, e o reflexo dessa configuração no fantasiar do sujeito.

Retomando a Freud, no início da construção da teoria psicanalítica, em uma carta dirigida a Fliess, ele afirma: “Não acredito mais em minha neurótica” (FREUD 1986, p.265). Ele começa a perceber que nem tudo que as histéricas traziam em seus discursos condizia com o que de fato ocorreu, mas que mesmo assim havia a pertinência dessa narrativa e a reincidência dela nos discursos de suas pacientes. Após chegada a essa conclusão, Freud percebe que o que ocorre é de ordem da fantasia, ou seja, uma produção do neurótico diante daquilo lhe é ofertado na realidade.

Pode-se, a partir desse retorno a Freud, estabelecer certas correspondências com o observado atualmente no chamado mundo virtual. Como definida por Quinet (2002) a fantasia é “efetivamente uma armadilha do olhar do sujeito, o qual se deixa fascinar, enganar, pois considera o quadro da fantasia sua janela para o mundo” (p. 162). Sabendo que a fantasia é um recurso do neurótico para lidar com a falta, o que é colocado diante do olhar do outro é aquilo que se tem de melhor, apresenta-se como consequência a exposição exacerbada de uma vida perfeita nas redes sociais. É possível afirmar, no cenário atual, que essas novas relações nas redes sociais servem de elemento a atualizar as fantasias e, porque não dizer, estabelecer padrões de ser no mundo, mas que em certa medida se tornam irrealis.

“Ver e ser visto” no modo de vida atual vêm servindo de objeto de estudo dos mais diversos campos do saber, inclusive para aqueles que pretendem contribuir com a psicanálise, no sentido de sustentar melhor as novas demandas apresentadas pelo sujeito do século XXI. No entanto, para maior compreensão disso enquanto fenômeno, se faz importante certa explanação do conceito de pulsão teorizado por Freud e, em particular a pulsão escópica, conforme teorizado por Lacan.

## 2.4 Pulsões

Nas teorizações de Freud sobre as pulsões, há uma nítida evolução. Esse termo é postulado pela primeira vez no texto dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Freud (1905) o define como aquilo que se encontra entre o mental e o corporal, sendo a exigência de trabalho que o corpo faz a mente. Diferencia-se do instinto e da necessidade justamente no que diz respeito a satisfação e ao objeto. Enquanto instinto e necessidade encontram satisfação em um objeto específico, a pulsão é impossível de ser satisfeita. Não existe objeto que a satisfaça, por representar o traço de algo que não se tem mais acesso mesmo no psiquismo. Partindo do princípio do prazer, Freud (1905) a situa para além do biológico.

Detendo-se a definição de pulsão, Freud (1915) em seu texto “As pulsões e seus destinos”, elenca quatro elementos que a caracteriza, quais sejam: pressão, finalidade, objeto e fonte. A pressão pode ser definida como a essência da pulsão. Não cessa de existir, adverso a necessidade, não é passível de encontrar satisfação. A finalidade, que na pulsão têm como característica última a satisfação. O objeto, que Freud determinou enquanto traço mais variável, diz respeito aquilo que a pulsão se utiliza para atingir sua finalidade. Podendo ser qualquer coisa, variando de acordo com aquilo que é próprio de cada sujeito. E, finalmente, a fonte, que diz respeito ao corpo, ou seja, aquilo que se ancora no biológico (FREUD, 1915).

Em “Além do Princípio do prazer” Freud (1920) avança na teoria das pulsões, acrescentando a pulsão de morte e apresentando o conflito pulsional entre ela e a pulsão de vida. Dispostas algumas considerações de Freud acerca das pulsões, é possível adentrar na explanação de Lacan sobre o que ele chamou de pulsão escópica.

Ao se referir a pulsão escópica, Lacan (1964) define como seu objeto o olhar. Nessa perspectiva, é possível refletir o caráter escópico da sociedade atual. Considerando o modelo virtual de ser como aquele que perpassa todas as relações interpessoais da sociedade contemporânea, é possível perceber o olhar para além do biológico e surgindo como receptor daquilo que atravessa o imaginário e se situa como importante referência do indivíduo do século XXI. Ainda sobre o olhar, Lacan (1964, p.74) coloca que “na nossa relação às coisas, tal que ela é constituída pela via da visão, e ordenada nas figuras de representação, qualquer

coisa desliza, passa, se transmite, de estágio em estágio, para aí se ver sempre e a qualquer grau, elidida - é isto que chamamos o olhar”.

Por esse ângulo, é possível situar a pulsão escópica como aquela que move o sujeito a alimentar a teia visual, bem como a virtual, que atualmente articula o ser com o estar no mundo. A Era da tecnologia possibilita ao indivíduo ver para além de sua realidade, proporcionando através do olhar a satisfação na cena que a ele se apresenta. Em contrapartida desperta também o desejo de se mostrar e a possibilidade de ser visto, a exemplo disso estão as redes sociais, as quais os humanos adotaram em suas rotinas colocando-as em lugar essencial. A esse respeito, Quinet (2002, p.280) coloca:

É o olhar, excluído da simbolização efetuada pela cultura sobre a natureza, que retorna sobre a civilização, trazendo o gozo do espetáculo e o imperativo do supereu de um empuxo-a-gozar escópico: um comando de dar-a-ver, seja de mostrar-se inocente, seja de tornar-se visível. De toda forma, na sociedade escópica, para existir é preciso ser visto pelo Outro. E assim se instaura a renovação do velho cogito religioso: o Outro me vê, logo eu existo. Tende-se daí a uma paranoia de massa.

Pode-se inferir, observando o contexto atual, que a sociedade está configurando-se como escópica, influenciando no modo de ordenação dos sujeitos, servindo como exemplo de um dos pontos de distinção e caracterização do indivíduo do século XXI.

### **3. QUEDA DO NOME-DO-PAI**

#### **3.1 Primeira clínica norteadada pelo nome do pai**

Freud constrói o complexo de Édipo, baseado na releitura da tragédia grega escrita por Sófocles intitulada “Édipo rei”. Em breve resumo, a tragédia trata da história de Édipo, filho de Laio, rei de Tebas. Laio, ao consultar o oráculo de Delfos recebe a profecia de que se tiver um filho ele o matará e desposará da própria mãe, sua esposa, a rainha Jocasta. Assustado com o que a profecia lhe revela, decide então pôr um fim a vida de seu filho Édipo ainda bebê, fura-lhe o pé e pede a um pastor que o leve dali e o deixe para morrer. No entanto, o pastor com pena da criança a leva para que seja adotado em segredo. Após anos terem se passado, Édipo já adulto recebe a notícia da profecia do seu destino. Para evitar a tragédia sai vagando sem rumo. Depara-se em uma encruzilhada com certa quantidade de pessoas, entre elas encontra-se o rei Laio que ele desconhecia como seu pai. Em um momento de contenda, mata-o, cumprindo assim, parte da profecia sem saber. Segue caminho até que chega a Tebas,

sua cidade natal. Na porta de entrada encontra a Esfinge, a qual lhe lança um enigma que nunca fora decifrado e que Édipo consegue decifrar. Com isso, a Esfinge se lança no penhasco e Édipo é considerado herói e proclamado novo rei de Tebas, desposando assim a rainha Jocasta, sua mãe, com quem teve quatro filhos. Algum tempo depois Édipo consulta o Oráculo de Delfos e descobre que seu cruel destino foi concretizado. Com o peso da notícia arranca os próprios olhos alegando não querer ser testemunha de sua própria desgraça. A rainha Jocasta, por sua vez, comete suicídio.

Traçando um paralelo entre o pai de Édipo e o pai que tudo pode descrito em *Totem e Tabu* (FREUD, 1913), Freud desenvolve a teoria da estruturação do sujeito definindo o pai como a Lei que interdita o gozo e diante da qual o sujeito irá se haver com sua falta. Ele colocou também que a resposta do sujeito diante dessa lei paterna, compreendida aqui enquanto um lugar e não propriamente uma pessoa, poderá se dar de três formas distintas: A neurose, que é quando o sujeito aceita aquilo que a lei lhe impõe e se ocupa de buscar apenas a satisfação parcial de suas pulsões. A perversão, que se dá quando, no encontro com a lei, o sujeito a transgride, não a aceitando enquanto elemento que o barra, e buscando justamente naquilo que ela proíbe a satisfação, erigindo um fetiche para ocupar o lugar da falta. E, por fim a psicose, que corresponde a uma não inscrição da lei que barra. O sujeito não a conhece como lei, mas diferente do que ocorre na perversão, não a transgride, já que não é possível transgredir aquilo que não se conhece.

Questionando o modo de condução da psicanálise pelos pós freudianos, ademais no que se referia a compreensão das estruturas definidas por Freud, Lacan faz uma releitura do ensino freudiano referendando e avançando na mesma perspectiva de radicalidade da descoberta do inconsciente. Relê o complexo de Édipo colocando-o em tempos pelos quais o *infans* passa para se posicionar frente a falta. Considera o inconsciente estruturado como linguagem, influenciado por elementos da linguística de Ferdinand de Saussure (Forbes 2010). Para ele, o saber que o inconsciente acomoda é um saber estruturado onde operam as leis mesmas da linguagem, sendo elas a metáfora e a metonímia. O que Freud chamou de figura paterna que interdita o gozo, Lacan coloca como metáfora paterna, que resulta no significante do Nome do pai (Quinet 2015). Nessa perspectiva, através do encontro com a linguagem, a metáfora paterna poderá operar sobre o sujeito, e será a resposta desse sujeito diante do significante do Nome do pai que o ordenará e estabelecerá sua estrutura.

As reformulações dos conceitos freudianos trazem à luz uma nova maneira de compreender a psicanálise, tendo como consequências dessa releitura, modificações clínicas principalmente no que diz respeito as estruturas. Seu diferencial estará justamente no que se



refere a clínica da psicose. De acordo com Lacan (1998) na estruturação psicótica ocorre uma falha no registro da metáfora paterna e, conseqüentemente, a forclusão do nome do pai, diferenciando assim o psicótico do neurótico. Nessa perspectiva, Lacan introduz que a forma de tratar com o sujeito psicótico em análise deverá se dar de maneira diferente da que ocorre com o sujeito neurótico. De acordo com Forbes (2010, p 72)

Enquanto na neurose o tratamento analítico consiste – desde Freud, apenas considerando, agora, um viés estrutural – em conduzir o analisando em um despojamento das identificações (que sustentam, como uma linguagem, sua ficção de si), no psicótico, essa conduta é perigosa, porque, em virtude de sua estrutura distinta, esse processo tende a desencadear um jorro de remanejamentos do significante, o que leva a um desastre do imaginário, ou em outras palavras, o surto.

No encontro clínico com o psicótico, Lacan (1985) sugere, portanto, que é necessário que o analista sustente a posição de secretário do alienado, tomando como literal aquilo que o sujeito traz. É a partir desse posicionamento que na transferência será possibilitado ao psicótico a manutenção de sua cadeia associativa. Nessa perspectiva, norteia-se a primeira clínica lacaniana, que ficou conhecida como clínica estrutural, tendo como primazia o simbólico e norteadada pelo Nome do Pai.

### **3.2 Queda do falocentrismo e segunda Clínica**

É natural que uma teoria que tenha como objeto de estudo o ser humano seja transformada com as modificações do contexto a que se insere. Com a psicanálise freudiana não foi diferente. É importante perceber que Freud desenvolveu sua teoria do final do século XIX para o início do século XX, e que a sociedade dessa época era primordialmente orientada pelo modelo patriarcal. Lacan, ao retomar Freud e iniciar seus escritos, parte desse mesmo modelo social. No entanto, com as novas demandas clínicas, Lacan percebe que não é possível ignorar as mudanças que perpassam a sociedade de sua época e avança em sua teoria demarcando dois momentos em sua clínica. Partindo das demandas clínicas, contaminado com a leitura de James Joyce, avança em sua teorização indo além da clínica estrutural e teorizando uma clínica para além do nome-do-pai

De acordo com Forbes (2012) o cenário social em que a psicanálise surgiu era baseado no modelo de pai orientação, caracterizado principalmente pelas relações verticalizadas, onde operava a soberania do suposto detentor do falo. Vivia-se no modelo do patriarcado, que ia muito além das relações familiares. O saber era detido por uma figura, fosse ela o pai, o patrão, o representante da pátria, o chefe da igreja, etc. Em síntese pode-se dizer que operava

na época o falocentrismo, que servia como um dos pontos organizadores do modelo social vigente. No entanto, com o advento da globalização começa a ocorrer o que Lacan (1968-69/2008) em seus escritos denominou de universalização do saber. Como colocado por Coelho dos Santos (2008, p.188) “Com os movimentos de maio de 1968, o saber se torna uma mercadoria que se compra e se vende. O saber entrou no mercado e, desde então, circula desvencilhado do peso da autoridade daquele que o transmite.” (apud FORBES, 2012, p.52). Inicia-se, portanto, a chamada queda do falocentrismo, bem como o processo denominado de declínio da função paterna. Onde antes havia uma Pai-orientação, passa a imperar a descentralização dos poderes e conseqüentemente se faz necessária uma clínica que melhor sustente essas novas demandas.

A primeira clínica Lacaniana era baseada na estruturação do sujeito através das metáforas identificatórias, sendo denominada de clínica do simbólico. Concebendo o inconsciente como linguagem, era do encontro com a função paterna que o sujeito do inconsciente diria sim (neurose e perversão) ou não (psicose) a inscrição da lei (nome do pai). Como colocado por Miller (1998) pode-se dizer que a primeira clínica era do Nome do Pai e a segunda a do *sinthoma*, onde pode-se encaixar esse nome do pai como modalidade de sintoma. Em resposta a uma organização social em que há o que Forbes (2012), seguindo Lacan, denominou de pluralização dos nomes-do-pai. É de se esperar uma nova construção frente ao real que atravessa o sujeito. Percebendo esse resto que foge a linguagem, Lacan (1995, p.47) coloca que “(...) tudo o que se apresenta na vontade, a tendência, a libido do sujeito é sempre marcado pelo vestígio de um significante - o que não exclui que talvez haja outra coisa na pulsão ou na vontade, algo que não é de modo algum marcado pela impressão do significante.” Seguindo a perspectiva de que o simbólico não é capaz de recobrir o real no sujeito do inconsciente, a segunda clínica vai além e considera a multiplicidade de nomes-do-pai, e o atravessamento do real em todas as demais esferas, sendo possível denominá-la de clínica borromeana. No entanto, não há uma oposição entre as duas clínicas, pelo contrário, de acordo com Forbes (2012) há complementaridade entre elas, de modo que a segunda clínica é continuidade da primeira.

### **3.3 Falta de norte no sujeito contemporâneo**

Se é possível dizer que a sociedade atual, atravessada pelas nuances da globalização, é diferente do que já foi outrora, de igual modo se faz necessário dizer acerca do homem do século XXI, em tantas variantes diferente daquele teorizado por Sigmund Freud em sua obra.

Como assinala Forbes (2005) a teoria de Freud tinha como norte a ideia de descobrir no sujeito os traumas que o impossibilitavam de chegar ao futuro planejado. Esse futuro, por sua vez, era algo linear e previsível, embora seu acesso fosse difícil. Esse não é mais o ponto para o homem atual, pelo contrário, não se tem mais dificuldade de pensar o futuro, ou até mesmo modificar o que é imposto quanto a ele. O que se instala hoje é uma multiplicidade de escolhas.

O sistema criado por Freud e desenvolvido posteriormente por Lacan em sua primeira clínica, por muito tempo deu conta do que se propunha, que era dar suporte ao homem na sua busca pela felicidade. No entanto a sociedade antes permeada por relações verticalizadas, regidas por um norte da lei, hoje dá lugar as chamadas novas configurações sociais onde relações horizontalizadas, em que não se tem um parâmetro a seguir, mas inúmeros, tornaram-se norma e não mais exceção. O saber que antes era detido por um representado da lei, saber orientado e pertencente apenas a quem dispunha de poder, sendo nesse caso o pai, o patrão, o mártir religioso etc., na Era da informação passa a ser pluralizado. Tudo é novo e diferente do que anteriormente se apresentava como referência. O advento da globalização, ponto de ruptura que traz à luz essa nova sociedade, modifica de forma intensa a maneira de viver e de se comunicar. As relações interpessoais transformaram-se e trouxeram como resultado um homem diferente, sem a medida da orientação do Pai. O homem atual tem uma infinidade de modos de atuação, sua forma de se relacionar, de se comunicar, até mesmo de amar, são novas. De acordo com Forbes (2014) em entrevista ao café filosófico<sup>3</sup> a segunda clínica lacaniana, surge justamente por se interessar em atualizar a psicanálise quanto a essas novas relações e ao sujeito emergente delas.

Novas realidades passam a atravessar o indivíduo do século XXI, que respondem a elas de forma a conseguirem, ou não, dar conta de suas próprias questões. Não se tem mais nada como certeza, tudo é questionável e existem diversas possibilidades diante do que é apresentado ao sujeito. A autoridade que antes era garantida e respeitada, inclusive temida, nesse momento passa a não ser nem identificada. O limite que antes era imposto ao gozo, a partir desse declínio da autoridade, para de operar sobre o sujeito dando lugar a supremacia do gozo.

De acordo com Forbes (2012) o homem que antes buscava respostas hoje já as conhece, já que o conhecimento é plural e acessível. A derrocada dessa autoridade deixa marcas na primazia da metáfora paterna, resultando no declínio do nome do pai. Lacan (1974)

---

<sup>3</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=KWkEMR7CbS4&t=362s>

deixa de conceber o Nome-do-pai, enquanto único, e passa a perceber a pluralidade do termo. Não se trata mais de um, e sim de diversos Nomes-do-Pai, não tendo nenhum deles a força de outrora. De acordo com Forbes (2005) não é possível que o novo homem dê conta de seus sintomas apenas através da associação livre, visto que não é possível inscrever no simbólico aquilo que a ele não pertence, bem como não é possível que se coloque em palavras aquilo que vem de outra ordem. Lacan teoriza que esse resto do qual não se dá conta é parte do real que perpassa o nó borromeano, reduzindo o Nome-do-pai a apenas mais uma forma de amarrar esse real que atravessa o sujeito (Forbes2012).

A questão central irá operar justamente na resposta gerada frente a essa nova realidade que atravessa o indivíduo atual. Onde antes havia angústia pela dificuldade de se chegar a um caminho, hoje há angústia pelo caráter múltiplo dele. O sujeito é então convocado a escolher, dentre opções que ele nem mesmo dá conta de enumerar, e frente a isso paralisa. São tantas possibilidades, tantos caminhos disponíveis, que o sujeito se vê no lugar de impossibilidade de fazê-lo, está tomado pela angústia frente a escolha e permanece perdido. Nessa perspectiva, (Miller, apud Forbes, 2012) atribui o termo “homem desbussolado” para melhor caracterizar o sujeito resultante da sociedade atual e nomear aquele que chega à clínica em busca de análise.

Tendo a Segunda Clínica Lacaniana dado início a atualização na forma de acolher as demandas do homem atual, pode-se dizer que cabe aqueles implicados com a psicanálise dar continuidade ao que foi desenvolvido por Freud e posteriormente atualizado por Lacan. Percebendo o caráter mutatório do novo homem a única coisa previsível é a necessidade de atualização da teoria que hoje tem como desafio o homem desbussolado (FORBES 2005). Ficando então o convite a ressignificação constante da clínica psicanalítica para que ela possa dar conta do desafio de acolher as demandas do homem do século XXI.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente revisão bibliográfica buscou trazer à luz as nuances do novo sujeito que se apresenta atualmente a clínica psicanalítica. Tofler (2007) dividiu a sociedade em três grandes ondas no que se refere a sua organização social. Pontuando que estamos atualmente na terceira onda, aponta marcos de ruptura que caracterizaram cada uma delas e chama atenção para as implicações disso no sujeito pertencente a essa sociedade.

Buscando nas explanações de Bauman (2000) acerca da modernidade líquida foi possível assinalar as novas configurações sociais atualmente vigentes e com isso contextualizar o ambiente no qual o homem do século XXI está inserido. Através do

levantamento bibliográfico ao qual se inscreve o presente estudo foi possível dialogar utilizando-se da Teoria de Freud e da releitura feita por Lacan a respeito das consequências clínicas desse sujeito fruto da modernidade. Apontando características quanto ao modo de funcionamento social atribuído a ele. Ao assinalar o modelo virtual de ser e os reflexos disso no modo de vida contemporâneo, percebe-se que atualizações clínicas são necessárias para que a psicanálise possa acolher as demandas desse novo sujeito.

A guisa de conclusão é possível apontar o caráter atual no que Lacan desenvolveu em sua segunda clínica. Apesar de datar do século XX, as contribuições dela no fazer psicanalítico do século XXI são notórias e serviram de base para o desenvolvimento de conceitos atuais. É importante também atentar para o destaque que Miller (1998) faz ao nomear o sujeito atual como “homem desbussolado” tendo em vista que é este o homem que chega à clínica psicanalítica contemporânea. Finalmente, pode-se colocar que receber as demandas de um sujeito na atualidade é reconhecer seu caráter plural. Percebendo que ele traz consigo o reflexo da sociedade em que vive, e sua parcela nesse contexto, cabendo ao analista atualizar-se acerca dos sintomas atuais e construir juntamente com o sujeito saídas as angústias contemporâneas.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. Rio de Janeiro: Paulus, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Liquid Modernity Revisited**, 2010. 1 vídeo (2hrs08min) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4QVSisK440w&t=1517s>> Acesso em 30 de mar. 2019

FORBES, Jorge. **Inconsciente e responsabilidade**. Rio de Janeiro; Manole Ltda, 2010.

FORBES, Jorge. **A psicanálise do homem desbussolado**: as reações ao futuro e o seu tratamento. São Paulo: Opção lacaniana, v. 42, p. 30-33, 2005.

FORBES, Jorge. **Café Filosófico: Jacques Lacan e a psicanálise do século XXI**, 2014. 1 vídeo (1hr11min) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KWkEMR7CbS4&t=362s>> Acesso em: 29 de abr. 2019.

FREUD, Sigmund. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. (1915) **As pulsões e seus destinos**. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. (1920) **Além do princípio do prazer**. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887/1904** (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FREUD, Sigmund. (1913). **Totem e Tabu**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

KALLAS, Marília Brandão Lemos de Moraes. **O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise**. Belo Horizonte: Reverso, v. 38, n. 71, p. 55-63, 2016.

LACAN, Jacques. O Seminário. Livro 3: **As psicoses (1955-56)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. O Seminário: livro 4: **As relações de objeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. (1964) O seminário, Livro 11. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. O Seminário. Livro 16: **De um Outro ao outro (1968-69)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MILLER, Jacques-Alain. **Relatório para a Assembleia Geral da Associação Mundial de Psicanálise**. Barcelona, 23 jul 1998. Disponível em:

<<http://lemessenger.online.fr/Histoire/AG98.htm#Jacques-Alain%20Miller>> Acesso em 08 de abr. 2019.

QUINET, Antonio. **Olhar a Mais, Um**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

QUINET, Antonio. **Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

## AGRADECIMENTOS

À professora orientadora Jailma Belarmino Souto, meu exemplo de profissional, por sua paciência e dedicação sem os quais esse trabalho não teria sido possível. Agradeço pelo carinho, cuidado e compreensão investidos em mim no âmbito acadêmico e também no pessoal.

À minha avó Maria Goreth, à minha mãe Mônica Avelino, à minha irmã Maria Carolyne e ao meu irmão Felipe Santos, os quais são minha referência de força e amor incondicional. Agradeço por serem fortaleza na minha vida e por fazerem minha passagem por esse mundo ser repleta de amor e de cuidado.

Aos professores de Psicologia, em especial Ana Sandra, Augusto César, Elizângela Barreto, Jorge Dellane, Lorena Bandeira, Márcia Candelária, Maria Lígia, Laércia Maria, Tanise Kelly, obrigada por todo conhecimento compartilhado durante essa jornada, e por me ensinarem que além da teoria é a dedicação e o amor que caracterizam um bom profissional. Agradeço a José Roniere por todo os ensinamentos acadêmicos e pessoais e por ter se tornando meu amigo para além dos limites da academia.

Às minhas amigas Ana Luiza e Júlia Vintília, agradeço por terem feito esses cinco anos e meio da minha vida serem cheios de alegria e por terem me ensinado por meio do apoio, amor e paciência, o verdadeiro valor da amizade e que família é também a que a gente escolhe. À minha amiga Jhamily Tomaz, agradeço por ter sido o presente mais maravilhoso que a psicanálise me deu, e por fazer da minha rotina na reta final desse curso repleta de significado e de amor.

À minha amiga Amanda Raylla, por ser uma de minhas amigas mais antigas e por todo amor e paciências investidos em mim, agradeço. Às minhas amigas Carolyne Alves e Caroline Amorim por fazerem dos bons momentos mais felizes e por terem sido luz nos mais difíceis. A Ricardo Fernandes por não ter deixado de acreditar em mim mesmo quando eu mesma não acreditava, agradeço a paciência, amor e compreensão em tantos momentos. Às minhas amigas Josy Barros, Wanessa Ribeiro, Angélica Pereira e Larissa Machado, por reforçarem que não estou sozinha e por serem tão importantes em minha vida.

Aos amigos de turma, Andreza Raissa, Arlenice Ferreira, Ayza Luzia, Beatriz Felinto, Gabriele de Vasconcelos, Jéssica Sendy, Larissa Ribeiro, Laryssa Ayane, Lindalberto Leal, Linnie Emanuelle, Karolina Mirella, Mísia Morais, Pâmela Salmana e Victor Rossini, por terem compartilhado os cinco anos mais intensos da minha vida, a psicologia está bem representada por vocês.

Aos funcionários Robson, Sílvia e Inalda, pela dedicação nos serviços prestados, em muitas vezes, para além de suas respectivas atribuições.

**A Deus, que em sua infinita bondade, me amou incondicionalmente fazendo tudo isso possível.**